

Israel mata líder do Hezbollah e Irã ameaça ampliar guerra



Capital em chamas. Soldados libaneses observam escombros de prédio atingido por míssil israelense em Halet Iteik, no sul de Beirute, onde o líder do Hezbollah se encontrava, em uma base subterrânea do grupo

INCERTEZAS À FRENTE

Morte de Nasrallah deve mudar cálculos e riscos no Oriente Médio

FILIPPE BARINI

“**S**ua Eminência, o mestre da resistência, o servo justo, Sayyed Hassan Nasrallah, passou para o lado de seu Senhor como um grande mártir”. A declaração emitida pelo Hezbollah na manhã de ontem confirmou a morte de seu líder, um dos mais influentes políticos e militares do Oriente Médio nas últimas décadas, quase um dia após um ataque israelense em Beirute. Um episódio que marca, além do que analistas veem como resultado de um erro de cálculo do grupo libanês, o início de um período de incertezas. Desde o bombardeio contra o local apontado como base do Hezbollah em Dahiyeh, um subúrbio da capital, rumores sobre o destino de Nasrallah iam de relatos de que ele estava bem, até o que ele poderia ter morrido. Na manhã de si-

bada, veio a certeza. Primeiro de Israel, com mensagem de Nadav Shoshani, porta-voz militar, no X: “Hassan Nasrallah está morto”. Depois, do próprio grupo libanês. **PRESSÃO SOBRE O IRÃ** Como em outras mortes similares, a morte de Nasrallah não significa o fim do grupo — seu primo, Hashem Safieddine, é apontado como provável sucessor — e também pouco o do conflito. Mas o bombardeio de sexta-feira em Dahiyeh terá repercussões amplas ainda incertas. A principal delas diz respeito ao Irã. Maior apoiador do grupo, o regime em Teerã não tem dado sinais de que queira se envolver em uma guerra ampla. Contudo, caso a morte de Nasrallah leve a um enfraquecimento das posições militares do Hezbollah, o cálculo pode mudar — afinal, trata-se da primeira linha de defesa contra Israel.

— É realmente uma questão saber se o Hezbollah tem a capacidade de lançar ataques com mísseis de grande alcance contra Israel neste momento — disse, ao New York Times, Julien Barnes-Dacey, diretor do programa para o Oriente Médio e Norte da África do Conselho Europeu de Relações Exteriores. Teerã, além de decretar luto de cinco dias, levou o aiatolá Ali Khamenei para local seguro e convocou tropas, que estão em estado de prontidão. O líder supremo do país também prometeu vingança do ataque, repetindo palavras como as ditas após o assassinato do chefe político do Hamas, Ismail Haniyeh, na capital iraní, em julho. A retaliação, à época, não veio. “Ao longo do dia, foram lançados foguetes do Líbano em direção a Israel, e o Exército israelense afirmou que um projétil caiu na Cis-

jordânia, causando um incêndio, mas sem deixar vítimas. Mais cedo, o Hezbollah disse ter lançado mísseis de longo alcance na direção de Jerusalém, e sirenes chegaram a ecoar pela cidade, mas não há registro de danos ou de que as armas tenham sido interceptadas. Clérigo formado na cidade sagrada de Najaf, no Iraque, Nasrallah rapidamente subiu na escala de poder do Hezbollah nos anos 1980, aliando qualidades de comando militar em um Líbano ainda em guerra civil com as de liderança político-religiosa, assumindo o comando em 1992. Nos anos seguintes, foi elevado a um patamar similar ao de chefe de Estado: hoje, o Hezbollah mantém forte presença no meio político

libanês, e é visto por analistas como a maior potência militar não-estatal do mundo. Após os ataques do grupo terrorista Hamas contra Israel, em 7 de outubro de 2023, o Hezbollah iniciou um conflito de baixa intensidade com os israelenses ao longo da fronteira. A ideia era servir como força de apoio ao Hamas, que, embora sumita, também integra o “Eixo da Resistência”, liderado pelo Irã e que tem em Israel seu principal inimigo. Nasrallah parecia satisfeito: em suas falas, feitas do mesmo bunker onde foi morto, dizia que os ata-

ques cessariam caso Israel baixasse as armas em Gaza. Um blefe que fracassou. Há duas semanas, o premier israelense, Benjamin Netanyahu, disse que os objetivos da guerra mudaram, e incluíam o retorno a suas casas dos que fugiram da violência ao norte de Israel. O ministro da Defesa, Yoav Gallant, afirmou que tal plano só teria sucesso com ação militar. Que veio, mas não como se esperava. As explosões de paggers e walkie-talkies mostraram o grau de vulnerabilidade do Hezbollah, e os ataques aéreos, como o que matou Nasrallah, foram eventos de decapitação. Segundo números do governo libanês, 1.030 pessoas morreram desde a intensificação dos bombardeios.

ACERTO DE CONTAS

Resta saber até onde Netanyahu está disposto a avançar na segunda frente de combate. Ao comentar a morte, o premier afirmou que era um “ponto de virada histórico” para Israel, que havia “acertado as contas” com o líder do Hezbollah, e que, agora, será possível “avançar” com a libertação dos reféns em Gaza. Apesar do país ter a capacidade de manter várias frentes de combate, o cansaço das tropas e a pressão internacional começam a pesar. Na quinta-feira, EUA e França lideraram pedido por trégua de 21 dias no Líbano. Netanyahu, que teria cancelado com o plano, recusou, e fez, na sexta-feira, discurso bélico na ONU.

Antes da confirmação da morte, vários governos analisavam planos para seus civis do Líbano, incluindo o Brasil, que tem 21 mil cidadãos no país. Ontem, o chanceler, Mauro Vieira, se reuniu com o premier libanês, Najib Mikati, em Nova York, e discutiu eventual operação de repatriação. Hoje, a ordem é para que quem deseja sair do Líbano busque passagens comerciais. Ao comentar a morte, o presidente dos EUA, Joe Biden, disse que foi “medida de justiça para as vítimas” de Nasrallah. E que usará diplomacia para resolver os conflitos em Gaza e no Líbano. Kamala Harris, sua vice e candidata à Presidência, afirmou que o líder do Hezbollah tinha “sangue americano nas mãos”, e também defendeu o diálogo.



“Eliminado” por Israel. Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, em discurso

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 26